

HISTÓRIA DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANESTESIOLOGIA

JORGE TAVARES¹

Palavras-chave:

- Anestesiologia/história;
- Portugal;
- Sociedades Médicas/história

Resumo

A Sociedade Portuguesa de Anestesiologia (SPA), um dos pilares em que assentou a estratégia de implementação da especialidade em Portugal, foi fundada em 1955 como secção da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa. Entre os seus objetivos, salientava-se o defender os interesses dos sócios e estimular o estudo da anestesiologia como disciplina bem individualizada. A trajetória da SPA foi feita de um conjunto de intervenções direcionadas aos seus objetivos. A sua primeira direção procurou logo um lugar no mundo das suas congéneres europeias e mundiais da especialidade, para o que participou da fundação da World Federation of Societies of Anaesthesiologists (WFSA) e estabeleceu parcerias com congéneres estrangeira. A chegada dos especialistas formados na carreira médica nacional criada em 1968 impôs a adoção de novas iniciativas, nomeadamente a organização de reuniões nacionais, a primeira das quais em 1977 e a criação, em 1985, da Revista da SPA, publicação periódica destinada a ser o veículo privilegiado da produção científica dos seus sócios. A participação da SPA na formação dos anestesiolistas portugueses, quer através de organizações próprias quer através da concessão de patrocínios constituiu a sua atividade mais saliente ao longo destes 50 anos. A partir de 2003, a SPA aprofundou a sua colaboração com o Colégio de Anestesiologia da Ordem dos Médicos. A partir de 2005, a SPA enveredou pela criação de secções temáticas e de grupos de trabalho com o objetivo de dinamizar e diversificar as suas intervenções.

HISTORY OF THE PORTUGUESE SOCIETY OF ANESTHESIOLOGY

JORGE TAVARES¹

Keywords:

- Anesthesiology/history;
- Portugal;
- Societies, Medical/history

Abstract

The Portuguese Society of Anesthesiology (PSA), one of the pillars upon which it was the implementation of the specialty in Portugal, was founded in 1955 as a section of the Society of Medical Sciences of Lisbon. Among its objectives, it is stressed the defend of the interests of members and encourage the study of anesthesiology as well as individual discipline. The trajectory of PSA was made from a set of interventions targeted to his goals. His first board soon find a place in the world of its European and global counterparts of the specialty, in which participated on the founding of World Federation of Societies of Anaesthesiologists (WFSA) and establish partnerships with foreign counterparts. The arrival of trained specialists in national medical career established in 1968 imposed the adoption of new initiatives including the organization of national meetings, the first of which in 1977 and the creation in 1985 of the PSA Journal, periodic publication intended to be the main vehicle of scientific production of its partners. The participation of SPA in the education of the Portuguese anesthesiologists whether through their own organizations or by granting sponsorships constituted its most salient activity throughout these 50 years. Since 2003, the PSA has deepened its cooperation with the Medical College of Anesthesiology. Since 2005, the PSA created thematic sections and working groups in order to streamline and diversify their interventions.

Data de submissão - 28 de agosto, 2015

Data de aceitação - 29 de novembro, 2015

¹ Professor catedrático jubilado de Anestesiologia, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Portugal
Chefe de Serviço aposentado, Serviço de Anestesiologia, Centro Hospitalar S. João, Porto, Portugal

INTRODUÇÃO

Os poucos médicos que em 1949 se dedicavam ao exercício profissional da anestesia moderna tinham estagiado no Reino Unido ou tinham-no treinado com estes. Os cirurgiões, mesmo os que tinham a noção de que o seu sonho de operar doen-

tes imobilizados só se concretizaria com boas anestésias, não estavam dispostos a abrir mão do controlo de uma parte do que se passava com o seu doente. Custava-lhes admitir que à cabeceira do doente estivesse um igual, capaz de tomar decisões e assumir o controlo da anestesia e não um auxiliar. Mas os anestesiológicos sabiam que só especialistas autónomos poderiam aspirar a uma melhor anestesia, mais segura e de mais qualidade.

Por muito evidente que lhes parecesse este passo, eram suficientemente realistas para saberem que ele não seria fácil: por um lado, os cirurgiões eram uma importante sede de poder na medicina com larga influência nas decisões políticas, por outro lado a sua atividade privada e o dinheiro que nela ganhavam dependiam exclusivamente do convite dos cirurgiões.

A SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANESTESIOLOGIA, SECÇÃO DA SOCIEDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE LISBOA

A criação de uma sociedade nacional de anestesia era um dos passos importantes para ancorar essa autonomia. Em Portugal, apenas estava autorizada uma sociedade científica, a Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, reconhecida desde 1822 com o objetivo de contribuir para o aperfeiçoamento dos conhecimentos em todos os ramos da ciência médica. Os médicos de Lisboa, onde pontificavam os cirurgiões e os professores da Faculdade, temiam que a criação das especialidades resultasse na perda do seu poder. Oficialmente, escondiam-se atrás do argumento de que a fragmentação do saber era prejudicial para a medicina e para os doentes. Não era difícil de prever como seria custoso avançar na autonomia das novas especialidades.

Mas a pressão do enorme incremento dos conhecimentos, do número de médicos, da diferenciação das técnicas e do mais amplo acesso aos cuidados na doença criou uma realidade tão forte que a Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa adotou uma alteração estatutária pela qual passou a admitir a criação de secções consagradas a capítulos importantes da ciência médica. Em junho de 1955, a sua Assembleia-geral aprovou a criação da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia (SPA) como sua secção. Os seus sócios tinham que estar inscritos na Sociedade e que pagar uma cota adicional para as despesas da secção. Foi a solução possível, que pôs termo a um obstáculo que se revelava difícil de superar. Apesar das suas limitações, a solução não criou, na prática, constrangimentos à atividade da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia.

Estava-se a replicar entre nós aquilo que sucedeu em muitos outros países. O Reino Unido foi o primeiro país europeu a reconhecer a Anestesiologia como especialidade autónoma. Em 1947, foi criada a Faculty of Anaesthetists dentro do Royal College of Surgeons of England, a qual apenas se autonomizou em 1988 como Royal College of Anaesthetists, acontecimento muito saudado por toda a Europa.

O Regulamento da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia foi publicado no Jornal da Sociedade de Ciências Médicas de Novembro de 1957 (tomo CXXI, pág. 593-596), onde é definida como “uma agremiação”. Os seus expressos objetivos incluíam: estreitar os laços de confraternidade entre os anestesiológicos,

defender os interesses e estimular o estudo da anestesiologia como disciplina bem individualizada e de técnicas próprias, facilitar o intercâmbio com as sociedades congéneres e representar os anestesiológicos portugueses em instituições, congressos e conferências científicas nacionais e estrangeiras, assim como promover e estimular todas as formas o intercâmbio nacional e internacional das matérias anestésiológicas”.

A PROCURA DO RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

A primeira direção da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia, constituída por Eusébio Lopes Soares, Hugo Silva Gomes e Mário Silva não esperou pela publicação do Regulamento para começar a perseguir aos seus objetivos fundacionais. Logo em setembro de 1955, a Sociedade fez-se representar por Eusébio Lopes Soares no World Congress of Anesthesiologists realizado em Scheveningen, Países Baixos, a tempo de participar na criação da World Federation of Societies of Anaesthesiologists (WFSA), de que a SPA foi uma das 26 sociedades nacionais fundadoras (Fig. 1).

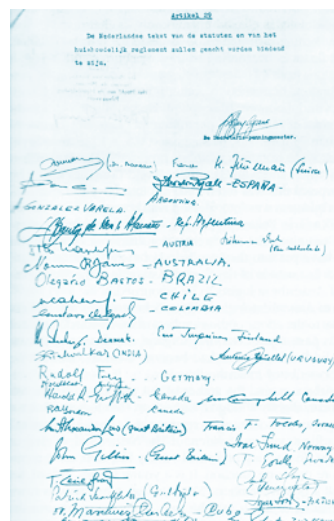


Figura 1. Assinaturas na ata da reunião fundacional da WFSA, incluindo a do delegado português Lopes Soares

Em novembro, a direção organizou a primeira Reunião Científica da Sociedade, com a participação de uma representação da American Society of Anesthesiologists. O orador convidado foi Cecil Gray, de Liverpool, uma ilustre personalidade da especialidade. Estas reuniões, com a participação continuada de conferencistas estrangeiros de renome internacional, continuaram a realizar-se durante vários anos.

Não demorou muito a que a esta direção assinasse um convénio com a sua congénera espanhola – Sociedad Española de Anestesiologia Y Reanimación (SEDAR) – para a organização de reuniões conjuntas, a realizar de 4 em 4 anos, alternadamente em cada país. O primeiro destes Congressos realizou-se em 1959 em Valência. Seguiram-se-lhe: Lisboa, 1963; Santiago de Compostela, 1967; Porto, 1971; Salamanca, 1975; Estoril 1979; Murcia, 1983; Porto, 1987; Barcelona, 1992; Coimbra, 1995; Sevilha, 1999; Aveiro, 2003; Valência 2007; Madrid, 2011. O progresso da integração europeia, a passagem dos anos com a

consequente perda de influência ou mesmo o desaparecimento dos pioneiros envolvidos e alguma tensão entre as direções contribuíram para um desinteresse cada vez mais notório dos anestesiológicos dos dois países por estas reuniões, pelo que as direções concordaram em suspender a sua organização.

Os Congressos Luso-Brasileiros, organizados em colaboração com a Sociedade Brasileira, foram outra das iniciativas viradas para os contactos internacionais. O I Congresso Luso-Brasileiro de Anestesiologia realizou-se no Rio de Janeiro em 1965. Os seguintes tiveram lugar no Estoril (em 1968), no Rio de Janeiro (em 1971), em Lisboa (em 1993), em S. Salvador da Baía (em 1995), em Santa Maria da Feira (em 1998), em São Paulo (em 2000), em Coimbra (em 2002) e no Porto (em 2006). Estas reuniões nunca mereceram a presença de número minimamente significativo de participantes do outro país. A direção da Sociedade Brasileira de Anestesiologia manifestou à sua congénere portuguesa o desinteresse em continuar com a parceria pois a mesma correspondia a compromissos entre pessoas entretanto desaparecidas e deixara de responder aos novos interesses e objetivos das direções.

Por iniciativa de Cabral de Almeida, um anestesiológico português especializado em França e radicado no Brasil, foi possível em 1964 criar a Federação das Sociedades de Anestesiologia dos Povos de Língua Portuguesa. O presidente da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia, Hugo Gomes, aderiu convictamente a esta iniciativa. O seu objetivo era muito ambicioso e politicamente desalinhado: fomentar o intercâmbio de especialistas de ambos os países, com a esperança de, no futuro que os ventos da História apontavam como inevitável, a eles juntar os dos novos futuros países da África e do Oriente que então ainda eram colónias portuguesas. Esta Federação extinguiu-se rapidamente, apenas tendo realizado um congresso, juntamente com o 1º luso-brasileiro.

A PARTICIPAÇÃO NA FORMAÇÃO

A propósito do seu 10º aniversário (1965), a Sociedade Portuguesa de Anestesiologia, então sob a presidência de Pedro Ruela Torres, organizou em Lisboa um Curso Internacional de Aperfeiçoamento. O curso constou de 13 lições proferidas por algumas personalidades da Anestesiologia Europeia: G'Vourch, J Passelecq, M Legrain, R Nedey (todos de Paris) e Nalda Felipe (de Madrid). Contou com a inscrição de um número inesperado de 153 médicos que assim manifestaram o seu interesse pela Anestesia. A evolução do número de praticantes da Anestesiologia indicou que nem todos se dedicavam ou vieram a dedicar, exclusiva ou primordialmente, ao exercício da anestesia, numa manifestação reveladora de que a necessidade de ser especialista para exercer anestesia ainda não tinha sido completamente assimilada. Em 1965, a Sociedade Portuguesa de Anestesiologia tinha apenas 78 sócios.

Esta seria a primeira de uma intensa participação da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia no domínio da formação, quer através de iniciativas próprias quer através de patrocínios a organizações de serviços ou de outras entidades (Fig. 2).¹ As Jornadas de Ensino da Anestesiologia, foram a primeira atividade regular de formação promovidas pela Sociedade, com um corpo

docente constituído por anestesiológicos de Lisboa, Coimbra e Porto. Realizaram-se na Figueira da Foz em 1968, em Tomar em 1970 e na Urgeiriça em 1971.



Figura 2. 1966 - Ernest Kern (Paris) profere uma conferência na SPA

Em junho de 1969, Pedro Ruela Torres, com a colaboração de médicos do Serviço e o patrocínio da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia, organizou um Curso Internacional de Anestesia e Reanimação no Hospital S. João, que figura como a primeira reunião internacional de formação contínua realizada por um Serviço em Portugal.

As Jornadas Luso-Galaicas de Anestesia e Reanimação foram uma organização conjunta da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia e da Delegación de Anestesiologia y Reanimación de Galicia da Sociedad Española de Anestesiologia Y Reanimación, que se realizaram pela primeira vez no Porto em 1971, por ocasião do IV Congresso Luso-Espanhol de Anestesiologia. Posteriormente estas jornadas realizaram-se em Santiago de Compostela em 1972, em La Coruña em 1975, no Porto em 1980, na Póvoa de Varzim em 1984 e em Santa Maria da Feira em 1998.

A Sociedade Portuguesa de Anestesiologia patrocinou, desde o seu início (1989) os Cursos de Aperfeiçoamento do Centro Português da Fundação Europeia de Ensino da Anestesiologia (FEEA), criado em Coimbra por iniciativa de Anselmo Carvalhas.

A criação das carreiras médicas em 1968 significou o reconhecimento dos anestesiológicos como iguais aos outros especialistas em tempos de formação, em categorias profissionais e em vencimentos. Os especialistas em Anestesiologia passaram a poder ser titulados pela carreira médica após um estágio de 3 anos num grande Hospital. Alguns chegaram à especialidade com uma grande e legítima ambição. Reclamavam para si um maior protagonismo na organização da especialidade e consideravam indispensável que a Sociedade assumisse o aprofundamento dos fundamentos científicos da especialidade, acabasse com uma formação demasiado condicionada por critérios de utilidade cirúrgica e restringida ao treino prático nas salas de operações, incrementasse a formação nas ciências básicas e fomentasse o espírito crítico e a investigação.

Por pressão desta nova geração, a Sociedade Portuguesa de

Anestesiologia realizou a sua primeira reunião nacional em 1977 (Fig. 3). Estes encontros foram-se repetindo com diferentes designações (na Póvoa de Varzim em 1983, em Viseu em 1986, em Aveiro em 1987, em Tróia em 1988). Esta última, revestiu a forma de Simpósio de Investigação Clínica e durante ela Eusébio Lopes Soares foi nomeado Presidente Honorário da SPA. Estas reuniões deram lugar aos Congressos Portugueses de Anestesiologia: Funchal em 1991, Lisboa em 1993, Coimbra em 1995, Santa Maria da Feira em 1998, Coimbra em 2002 (juntamente com o Congresso Luso-Brasileiro), Aveiro em 2003 (juntamente com o Congresso Luso-Espanhol e com o Congresso Ibero Latino Americano), em Lisboa em 2004, depois todos os anos alternadamente no Porto e na Grande Lisboa.



Figura 3. A 1ª Reunião Nacional dos Anestesiologistas

A REVISTA

A primeira direção que foi constituída por anestesiologistas titulados pela carreira médica – António Alfredo Meireles (Presidente), Álvaro Ferreira Pais (Secretário) e Maria Leontina Freitas Costa Carvalhais (Tesoureira) – tomou a iniciativa, em 1985, de publicar a Revista da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia. As funções de diretor / editor da Revista foram sucessivamente desempenhadas por António Meireles, Maria Teresa Rebelo (ambos em simultâneo com a presidência da direção), Maria José Rodrigues, Laura Massa, Carminda Parente, Damietta Ramos Figueiredo, Dinis Cunha Leal, Lucindo Ormonde (igualmente em simultâneo com a presidência da direção) e António Augusto Martins.

A revisão por pares dos trabalhos submetidos para publicação foi introduzida quando Maria Teresa Rebelo era editora-chefe e foi depois consolidada com Laura Massa e Carminda Parente. Desde então, elevado número de colegas tem participado nesta revisão.

Em 2005, a SPA iniciou a publicação regular de uma Newsletter distribuída com a Revista. Nela passaram a ser incluídas informações sobre acontecimentos de interesse dos sócios, no-

tícias sobre a vida da sociedade e acontecimentos nacionais e internacionais relevantes para a especialidade, o que a tornou num veículo privilegiado do contacto entre a direção e os anestesiologistas.

A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

Em 1992, a Direção da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia passou a ser composta por três elementos eleitos a nível nacional e dois elementos eleitos em cada secção regional – norte, centro e sul. Esta forma de organização regional, que mimetizava a da Ordem dos Médicos, refletia as dificuldades de comunicação do tempo histórico da sua criação, em que não havia informática, em que cem quilómetros podiam significar várias horas de viagem e em que o telefone entre cidades diferentes tinha um custo significativo. A Assembleia geral de 1995 decidiu terminar com as secções regionais, assim como abrir a porta à criação de secções temáticas. A mesa perdeu entretanto os papéis em que anotara as decisões, pelo que só em 2003 as secções regionais foram extintas e a Direção voltou a ser de eleição nacional.

Os anestesiologistas sempre encararam a solução da criação da sua sociedade como secção de outra como uma situação transitória, à espera do momento em que fosse viável a sua autonomização, o que apenas se tornou possível após o fim do Estado Novo. Mesmo assim, a primeira tentativa concreta de promoção desta separação apenas se materializou em 1992 com a elaboração de um projeto de novos estatutos pela sua direção (Paulo Domingues, Beatriz Craveiro Lopes e Carlos Vasconcelos). A discussão dos novos Estatutos foi muito intensa. Foram então registados uns Estatutos que consagravam a ansiada separação.

Um aspeto desta discussão centrou-se na anestesia regional. Havia quem fosse da opinião que a Sociedade Portuguesa de Anestesiologia devia levar a cabo de forma consistente iniciativas destinadas à divulgação da anestesia regional e à formação nessa área, eventualmente através de uma secção e quem defendesse a criação de uma entidade autónoma. O Clube de Anestesia Regional (CAR) foi fundado por iniciativa de 21 anestesiologistas em 1992, com dimensão nacional e como entidade autónoma da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia.

A Sociedade Portuguesa de Anestesiologia ressentiu-se desta cisão, que significou dispersão de sócios ativos, ameaça à sua identidade e à sua representatividade, competição por congressos, por patrocínios, por submissão de artigos para publicação. As dificuldades financeiras e editoriais por que passou a Revista da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia no virar do século inserem-se nesta linha, bem como nalguma falta de organização interna.

Alguns acontecimentos também não ajudaram a Sociedade, nomeadamente no domínio das relações internacionais. A Sociedade Portuguesa de Anestesiologia assinou contrato, em 1994, para a organização em Lisboa do 11º Congresso Europeu da World Federation of Societies of Anaesthesiology, mas desentendimentos surgidos entre ambas as entidades levou a que a Sociedade Portuguesa desistisse da sua organização, quando o Congresso de Lisboa já estava publicitado. O processo desta

desistência está publicado. Independentemente de quem foi o maior responsável por este fracasso, a verdade é que ele teve repercussões negativas para o prestígio da anestesiologia portuguesa entre as suas congéneres europeias.

AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E A ADEÇÃO À NOVA EUROPA

A manutenção de relações privilegiadas com sociedades e organizações não-europeias da especialidade, sobretudo sul-americanas (Sociedade Brasileira de Anestesiologia e Organização Ibero-Americana de Anestesiologia – CLASA) pela participação em Congressos comuns, a marcação de reuniões da Sociedade em Goa (Índia) e em Macau (ambas acabaram por não reunir condições que permitissem a sua realização) e o esforço por estabelecer relações bilaterais com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa foram opção das direções da Sociedade pelo virar do século. Mas Portugal era já membro de pleno direito da União Europeia e era bem claro que o interesse da especialidade e da Sociedade passavam por um aprofundamento dessa integração e pela assunção das suas consequências.

A Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia de 2001 interpretou esta convicção generalizada e tomou a decisão estratégica de privilegiar, no âmbito internacional, as relações com associações e organizações de Anestesiologistas de países europeus, na ocupação de um espaço que era o seu. Ficou aí expresso o objetivo de organizar em Portugal um Congresso da European Society of Anaesthesiologists, o que veio a suceder em 2014 em Lisboa, por iniciativa de Lucindo Ormonde, presidente da direção da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia. O longo e difícil processo de *amalgamation* entre as diversas associações europeias permitiu que os Anestesiologistas europeus passassem finalmente a ser representados por um corpo único, decidido a promover os mais elevados padrões clínicos e científicos da especialidade na Europa. Por esta circunstância, o Congresso Euroanaesthesia 2004 é justamente considerado como o primeiro congresso verdadeiramente europeu de Anestesiologia.

Mas as consequências desta estratégia não se limitaram à organização do Congresso Europeu. A Sociedade Portuguesa de Anestesiologia assinou em 2010, juntamente com várias sociedades nacionais de outros países europeus, a Declaração de Helsínquia sobre Segurança do Doente elaborada pelo European Board of Anaesthesiology e pela European Society of Anaesthesiologists durante o Euroanaesthesia realizado esse ano em Helsínquia. Neste mesmo ano, a Sociedade foi responsável pela organização no Porto do 6th Euroneuro, o congresso do Grupo Europeu de Neuroanestesiologia e Cuidados Neurocríticos, de que Pedro Amorim foi o Presidente do comité local.

AS SECÇÕES TEMÁTICAS E OS GRUPOS DE TRABALHO

Depois de alguns avanços e recuos, a Sociedade Portuguesa de Anestesiologia decidiu-se pela estratégia da criação de Secções temáticas e de Grupos de Trabalho. Em 2005, foi criada a Secção da Anestesia Pediátrica com a direção constituída por

Pedro Ribeiro (Presidente), Fernanda Barros (Secretária) e Isabel Neves (vogal) e reativado o Grupo de Estudo da Via Aérea Difícil coordenado por Jorge Órfão com José Aguiar, Carlos Mexedo, Rita Frada, Rita Resende e Zélia Moreira como membros. Em 2012, foi criada a Secção de Anestesia Obstétrica com a seguinte direção: José Manuel Costa Martins (presidente), Maria Rui Barros Reis Crisóstomo (secretária) e Maria Rosário Santos Rocha Tavares Fortuna (vogal). Em 2013, foi criada a Secção de Medicina Intensiva com a seguinte direção: António Pais Martins (presidente), Joana Estilista (Secretária), Fernando Abelha, Cristina Granja, João Paulo Pina, Catarina Dourado (vogais) e o Grupo de Estudo da Medicina da Dor coordenado por Ana Cristina Mangas. Em 2015, foram criadas a Secção de Simulação Médica com a direção constituída por Francisco Maio Matos (Presidente), Vitor Almeida e Marcos Gouveia (vogais) e a Secção de Anestesia para Cirurgia Ambulatória com a direção constituída por Vicente Vieira (Presidente), Ana Marcos (Secretária) e José Silva Pinto (vogal), bem como o Grupo de Trabalho “Blood Alive” sob a coordenação de Cristiana Fonseca.

A ANESTESIOLOGIA TAMBÉM É GESTÃO, ORGANIZAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Em 2003, Lucindo Ormonde passou a desempenhar simultaneamente as funções de presidente da direção da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia e vogal da direção do Colégio de Anestesiologia da Ordem dos Médicos (funções para que fora eleito em 2001) com o objetivo de facilitar a colaboração das duas instituições que, embora agissem em perspetivas diferentes, tinham objetivos finais comuns de adequação de Portugal aos padrões europeus do desenvolvimento da especialidade. As duas instituições levaram a cabo uma série de iniciativas não sobre aspetos de formação técnica ou profissional, mas sim sobre questões de organização, de gestão, de direito e de ética, relacionadas com a especialidade.

As duas instituições organizaram em Tomar (2005) uma reunião sob o tema “Internato Complementar de Anestesiologia em discussão”. Esta foi preparada previamente nos locais de trabalho, com a participação ativa de numerosos internos da especialidade e dela saíram conclusões que foram entregues aos diretores dos serviços formadores.

Em 2005, promoveram a criação do Grupo de Missão para a Definição de uma Estratégia para o Desenvolvimento da Anestesiologia, integrado por anestesiologistas de todo o país, sobretudo diretores de serviço ou departamento. O Grupo foi coordenado por José Martins Nunes e elaborou um documento intitulado “A Departamentação como conceito”. Integrados na estratégia definida neste documento, a SPA promoveu um Fórum sobre Aspectos organizacionais em Anestesiologia em 2006 em Évora, um outro sobre Aspectos do Exercício Profissional dos Anestesiologistas em 2007 em Tomar e finalmente sobre Valorização do Ato Anestesiológico em 2008 no Porto. Em 2014 passou a organizar Reuniões de Gestão, Liderança e Estratégia em Évora nesse ano sobre o tema Gestão de Recursos Humanos e Produção e em 2015 em Lisboa sobre Gestão do Bloco Operatório.

A SPA organizou a partir de 2006 o Curso de Introdução à

Comunicação e Metodologia de Investigação sob a orientação de Joaquim Silva Viana, aproveitando a dinâmica do Mestrado de Anestesiologia e Terapêutica da Dor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Realizaram-se cinco cursos (em Coimbra, Lisboa, Porto, Braga e Setúbal) com os objetivos de fornecer noções sobre os aspetos essenciais da metodologia e comunicação científicas, de dar conhecimentos sobre níveis de evidência e de despertar o interesse para uma formação avançada.

Por iniciativa do seu presidente, Lucindo Ormonde, a Sociedade Portuguesa de Anestesiologia editou o livro “História da Anestesiologia Portuguesa”, da autoria de Jorge Tavares (1ª edição em 2008, 2ª edição revista e aumentada em 2013).

Em 2009, a Sociedade Portuguesa de Anestesiologia passou a comemorar o Dia Mundial da Anestesiologia (16 de outubro) com a divulgação da especialidade ao público através de uma iniciativa de despiste de indicadores de risco, realizada na Gare Oriente. Esta iniciativa marcou o início de uma campanha de informação ao público sobre a especialidade, de esclarecimento de dúvidas e de convite à participação na redução do risco e na maximização da segurança associados aos atos anestésicos. A campanha envolveu a edição de cartazes, ações públicas e na comunicação social, a criação de um site e a elaboração de um inquérito intitulado “Vou ser anestesiado” (Fig. 4).



Figura 4. VOU SER ANESTESIADO

Em anos posteriores, o Dia Mundial da Anestesiologia foi comemorado em Braga com a Semana da Anestesia em Pediatria e em Coimbra no ano seguinte. Em 2012, durante as comemorações, a “Carta da Anestesiologia e Direitos do Cidadão e a Declaração de Coimbra”, projetos coordenado pelo Serviço de Anestesiologia do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, foram assinados pela Sociedade Portuguesa de Anestesiologia como um dos seus 31 subscritores (Hospitais, Centros Hospitalares, Unidades Locais de Saúde). Em 2014, estas comemorações realizaram-se em Lisboa e incluíram uma exposição sobre a história da anestesiologia denominada “Como a Anestesiologia Mudou o Mundo” (organizada pelo Centro Hospitalar de Lisboa Norte)

e destinada a percorrer os hospitais do país. Incluíram também atividades de Divulgação da Anestesiologia aos estudantes de Medicina em parceria com a Associação Nacional dos Estudantes de Medicina e os Centros de Simulação Biomédica do Serviço de Anestesiologia do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e da Faculdade de Medicina de Lisboa.

A partir de 2010, a Sociedade Portuguesa de Anestesiologia passou a organizar “Tertúlias de Anestesiologia”, que se propuseram constituir uma inovação na formação. Em Braga (2010), em Viseu (2011), em Tróia (2012), no Funchal (2014) e em Angra do Heroísmo (2015), juntaram jovens da especialidade com peritos reconhecidos para, de forma interativa, discutirem práticas e atitudes no âmbito da Anestesiologia, sobretudo sobre temas controversos da prática clínica. Assumiram também a importância da associação com outras ciências ou com outras áreas da medicina, hoje praticadas pela maioria dos hospitais na sequência do programa de formação oficialmente aprovado.

A Sociedade, através de um grupo alargado de trabalho, elaborou um documento sobre a estratégia quanto à posição da Anestesiologia na organização hospitalar. Nele foram definidos os requisitos para a consolidação da especialidade nos hospitais. O documento foi entregue oficialmente a um membro do governo.

Em 2013, por iniciativa do seu editor António Augusto Martins, a Revista da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia passou a estar integrada no Serviço de Alojamento de Revistas Científicas Institucionais do Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP).

Agradecimentos

O autor agradece a colaboração de Maria do Rosário Órfão, Lucindo Ormonde, Carlos Couceiro de Sousa e António Augusto Martins.

Conflito de Interesses

Os autores declaram não existir conflito de interesses em relação ao trabalho efetuado.

Fontes de Financiamento

Não existiram fontes externas de financiamento para a realização deste artigo.

Correspondência

Jorge Tavares
jmmctavares@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A bibliografia da História da Anestesiologia em Portugal é extensa e diversificada. Individualizam-se algumas publicações relevantes, apresentadas por ordem cronológica.

Lopes-Soares E. Breves comentários sobre a situação actual da Anestesia em Portugal. J Soc Cien Med Lisboa. 1956;Tomo CXX (Outubro):412-420.

Carreiro-Massa L. Evolução da Anestesia em Portugal. Rev Ordem Médicos 1988 (Agosto-Setembro):23-25.

Lopes-Soares E. Três acontecimentos importantes no desenvolvimento da moderna anestesia em Portugal. Rev Ordem Médicos 1988 (Agosto-Setembro):26-28.

Miquelão ML, Santos-Costa A A. 35º Aniversário da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia. Rev Soc Port Anesthesiol. 1990; 2(6):57-61.

Domingues P. Cinquentenário da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia. Palestra Magistral. Newsletter SPA 2005; nº1 (Julho):9-12.

Tavares J. História da Anestesiologia Portuguesa. 2ª Edição. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Anestesiologia; 2013.

Tavares J. Histórias da História da Anestesiologia Portuguesa: História da Revista da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia. Rev Soc Port Anesthesiol. 2015;24 (3): 66-79.

ANEXO Presidentes da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia



Eusébio Lopes Soares
(1955/57 e 1959/60)



Vítor Hugo Magalhães
(1957/58)



Pedro José Ruela Torres
(1960/64)



Hugo Silva Gomes
(1964/66)



Manuel Silva Araújo
(1966/68)



Francisco Raposo de Sousa
(1968/70)



Júlio Nogueira da Silva Costa
(1970/72)



Carlos Erse Tenreiro
(1973/76)



Avelino Fortes Espinheira
(1977/80)



António Neves da Costa
(1981/83)



António Alfredo Meireles
(1984/86)



Maria Teresa Rebelo
(1987/89)



Artur Santos Costa
(1989/90)



Paulo António Fernandes Domingues
(1990/92)



Aquiles Borronha Gonçalves
(1993/95)



Álvaro Ferreira Pais
(1996/2000)



Carlos Manuel Couceiro Neto de Sousa
(2001/2003)



Lucindo Palminha do Couto Ormonde
(2003/2014)



Maria do Rosário Lopes Garcia Matos Órfão
(desde 2014)